

ascensional da burguesia, a lenta retomada da generalização das relações capitalistas, a enorme resistência que a estrutura institucional apresenta ao desenvolvimento desse processo; no domínio superficial dos fatos políticos, de que a imprensa se ocupa predominantemente, ocorre a sucessão dos presidentes paulistas, interrompida com Afonso Pena, mineiro que ascende por compromisso com a política de seus antecessores paulistas, sucessão sem graves episódios, com atos restritos à área estreita das combinações de poucos; encerra-se com a sucessão de Pena, marcada pelo significativo episódio do Civilismo: as combinações de cúpula encontram resistência, ocorre uma campanha de apelo à opinião popular, interrompe-se quase de súbito a tranqüilidade do quadro tradicional, — é uma das frestas por onde se verifica a mazela do interior, da intimidade do fenômeno político microscópico que se desenrola desde Campos Sales.

A imprensa revela com clareza os traços desse quadro: ele se tipifica, às vezes, no ferrenho oposicionismo, de extrema virulência, do *Correio da Manhã*, de um lado, e de extremo servilismo de *O País*, de outro lado. É fácil dimensionar a mudança de qualidade, na escala possível, entre o tipo de corrupção personificada em José do Patrocínio, na fase anterior, e o tipo de corrupção personificada em João Laje, nessa fase. A pequena imprensa exemplificada na *Cidade do Rio*, sem estrutura de empresa, exigia a compra da opinião do indivíduo em que o jornal se resumia; a empresa jornalística que é *O País* demanda um passo à frente: é preciso comprar o próprio jornal e de forma estável, institucional por assim dizer. Patrocínio recebia dinheiro; Laje recebe negócios que proporcionam dinheiro — negócios do Estado.

Nessa fase de infância das relações capitalistas, em que a produção capitalista é ainda parcela pequena no conjunto da produção do país, o capital comercial, auferido na esfera da circulação, e quando esta domina ainda a produção, assume indiscutível primazia. Fora da área agrícola e pecuária, em que assenta, predominantemente, a produção do país, com as relações pré-capitalistas que a presidem, só o comércio permite acumular recursos. É essa, como se sabe, forma primitiva do capital, historicamente superada nas áreas desenvolvidas do mundo; mas ainda é corrente e importante, no Brasil do alvorecer do século XX; à base do desenvolvimento desse capital comercial é que cresceu a vida urbana brasileira; à base desse capital comercial é que as empresas jornalísticas viveram a sua fase inicial. Assim, as forças que dominavam a imprensa do tempo eram o Estado e o capital comercial; os jornais eram empresas capitalistas, isoladamente considerados, mas inseridos no conjunto em que predominavam o Estado e o capital comercial, correspondendo aquele principalmente às forças pré-